

Arte e Ciência – algumas aproximações *Art and Science - some approximations*

Recebido: 03/07/2021 | **Revisado:**
19/11/2023 | **Aceito:** 19/11/2023 |
Publicado: 03/04/2024

Ester Rohr

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9944-7547>
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Mato Grosso do Sul
E-mail: ester.rohr@gmail.com

Danilo Ribeiro de Sá Teles

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9725-2762>
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Mato Grosso do Sul
E-mail: danilo.teles@ifms.edu.br

Como citar: ROHR, E.; TELES, S. D. R.;
Arte e Ciência – algumas
aproximações. **Revista Brasileira da
Educação Profissional e Tecnológica**,
[S.l.], v. 1, n. 24, p. 1-12, e12761, Abr. 2024.
ISSN 2447-1801.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo

O artigo busca discorrer sobre a arte e a ciência, considerando-as como formas de objetivações humanas, com o intuito de situá-las social e historicamente, de modo a ponderar sobre os pontos nos quais elas confluem e/ou divergem. Os argumentos envolvidos fundamentam-se na perspectiva materialista histórica dialética e tem em Karl Marx e nos estudos de Georg Lukács sua base epistemológica, buscando abordar os conhecimentos em suas relações de totalidade, com vistas à superação da fragmentação. Espera-se contribuir para a compreensão das objetivações (trabalho, arte e ciência) em seu nascimento-elevação-assentamento, de forma a permitir uma percepção mais integradora desses elementos que fazem parte da realidade concreta.

Palavras-chave: Arte; Ciência; Trabalho; Objetivação; Conhecimento.

Abstract

This article approaches art and science considering them as forms of human objectification with the intent to locate them socially and historically to ponder where they converge and diverge. The arguments are based on the dialectical historical materialist perspective and the epistemological basis are based on Karl Marx and George Lukács studies, looking for approach the knowledges in their relations of totality with a view to overcoming fragmentation. It is expected to contribute to the understanding objectifications (work, art and Science) in their birth, settlement and elevation in order to allow a more integrative perception of these elements from the concrete reality.

Keywords: Art; Science; Work; Objectification; Knowledge.

1 INTRODUÇÃO

Situar arte e ciência em campos opostos é tentador se as observarmos superficialmente. A intenção deste estudo é, justamente, discorrer sobre essas duas formas de objetivação humana, de modo a apontarmos em que medidas elas confluem e em quais esferas elas divergem. Comumente percebe-se uma vinculação da arte com a subjetividade, enquanto a ciência é relegada à objetividade, como se fosse possível ao ser humano isolar esses elementos de forma independente ao realizar uma produção artística ou ao produzir conhecimento científico.

Consideramos o ser humano a partir de sua totalidade. Portanto, defendemos a ideia de que não há como isolar um aspecto da vida humana, e, sim, o oposto: todas as partes relacionam-se entre si, e mais, articulam-se e implicam-se de forma que o todo que os origina é também o seu resultado.

Utilizamos como base epistemológica para a construção da nossa argumentação o materialismo histórico dialético. Baseados nesse método elaborado por Marx, partimos do pressuposto de que os fenômenos sociais devem ser analisados dentro do seu historicismo, considerando os homens como produtores desse contexto social e material. Ao mesmo tempo que os indivíduos produzem esse contexto, eles também dependem das condições materiais da sua produção, de modo que o contexto da vida social em que vivem é fruto de forças antagônicas e mutáveis, por isso dialéticas (SILVA, 2015).

Marx afirma que “a maneira como os homens produzem seus meios de existência depende, antes de mais nada, da natureza dos meios de existência já encontrados [...]” (MARX; ENGELS, 2001, p. 11). Isso leva à conjectura de que a realidade não está dada, mas é construída pelos homens que, ao mesmo tempo que a influenciam, também são influenciados por ela.

Arte e ciência, enquanto objetivações humanas, muitas vezes são consideradas de modo hierárquico, no qual uma é tida como mais ou menos importante que outra, e essa concepção ecoa nos espaços sociais, tanto os que as consideram como conhecimentos, como no caso dos espaços educativos, quanto nos espaços sociais de um modo geral.

Nessa perspectiva, o propósito deste artigo é apresentar a arte e a ciência tratadas como formas de conhecimento no intuito de apreender a sua gênese e sua função social. Trata-se, do ponto de vista metodológico, de uma pesquisa bibliográfica realizada entre 2019 e 2021, como parte da pesquisa de mestrado intitulada “(título da dissertação)”, na qual buscou-se elementos de integração entre essas duas formas de conhecimento (arte e ciência).

Entendemos que a superação da hierarquização dos conhecimentos se dá pela compreensão de seu valor histórico e social e, com esse intuito, iniciamos nossa argumentação apresentando as raízes históricas do conhecimento, pontuamos as relações entre arte e trabalho e, posteriormente, descrevemos como seu movimento histórico e social permitiu o afloramento de todas as formas de objetivações, centrando nossa proposição na arte e na ciência. Finalizamos apresentando a relação que o ser humano estabelece com essas formas de objetivação com o propósito de situá-las no interior do movimento social, expondo sua função e contribuição para a constituição do nosso mundo cultural.

2 RAÍZES HISTÓRICAS DO CONHECIMENTO

O ser humano é um ser distinto por uma característica peculiar. Enquanto os outros animais adaptam-se à natureza para garantir sua subsistência, o ser humano age sobre a natureza, ajustando-a para suprir suas necessidades. Essa ação do homem sobre o meio se dá a partir do trabalho (SAVIANI, 1992). Podemos dizer que é o trabalho que nos constitui como seres humanos, diferentes dos animais, pois o homem adapta a natureza a si com intencionalidade, agindo sobre ela para produzir a sua própria existência. O trabalho é entendido como uma ação especificamente do ser humano, distinto, assim, da atividade mecânica do animal, como *objetivação da vida da espécie humana* (FREDERICO, 2004).

Essa percepção do trabalho é baseada em Marx, a partir de seu entendimento de que a distinção entre homens e animais surge como uma consequência da necessidade humana de produzir suas condições de vida, ao afirmar que os próprios homens

[...] começam a se distinguir dos animais logo que começam a *produzir* seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material. (MARX; ENGELS, 2001, grifo do autor)

Nesse sentido, o trabalho é concebido como “uma atividade material que medeia a relação entre o homem e a natureza, como uma mediação que permitiu criar o mundo dos *objetos humanos* [...]. Através das objetivações, as ‘forças essenciais do homem’ [...] realizam-se na *criação de objetos*” (FREDERICO, 2004, p. 14, grifo do autor). Por meio do trabalho e para o trabalho, o homem cria objetos a partir da realidade que lhe é dada.

Nesse ato de criar, ele coloca a sua ideia, sua imaginação ou vontade e, portanto, as suas forças essenciais humanas, já que essa criação não é algo espontâneo ou impensado; ao contrário, já é criado com uma finalidade anterior ao início do processo prático da criação. Em outros termos, “o produto, o objeto do trabalho, é, em última instância, uma finalidade humana objetivada, é o fruto da transformação prática de uma realidade que, previamente, foi transformada de um modo ideal na consciência” (VÁZQUEZ, 1978, p. 68). Assim, a produção que resulta dessa relação homem-natureza, os produtos desse trabalho, expressam as forças essenciais humanas.

O trabalho situa-se, nessa perspectiva, como o ato que deu origem à vida social, à humanização do homem. Por meio dele, o homem passou de indivíduo para gênero humano, e foi o trabalho que se constituiu, também, como o elemento articulador e fundamental responsável pela produção de novos instrumentos e signos (DEBIAZI; CONCEIÇÃO, 2013). Foi num longo processo, a partir do solo comum das atividades cotidianas (trabalho), que emergiram as várias formas de objetivações humanas, primeiro espontaneamente como os objetos e as linguagens, depois, num nível mais elevado e complexo, as outras formas como a ciência, a arte, a filosofia, a religião, o direito, a política e os sistemas de valores morais (DUARTE, 2016).

Por conseguinte, entendemos que o trabalho é que deu origem a todas as formas de conhecimento e, a partir disso, procuramos averiguar como se deu este processo.

3 ARTE E TRABALHO

O trabalho, visto como uma atividade material que realiza a mediação entre o homem e a natureza, permitiu que se criasse o mundo dos objetos humanos, ou seja, as objetivações humanas. E é exatamente aí que está presente a ligação entre arte e trabalho, pois “[...] as duas atividades [...] inserem-se no processo das objetivações materiais e não materiais que permitiram ao homem separar-se da natureza, transformá-la em seu objeto e moldá-la em conformidade com seus interesses vitais” (FREDERICO, 2004, p. 15).

A ligação que se encontra entre a arte e o trabalho é, portanto, essa capacidade do ser humano de materializar suas forças essenciais, ou seja, colocar em um objeto concreto-sensível suas finalidades, ideias ou sentimentos humanos.

Isso acontece primordialmente no trabalho e é a partir dele que surge a possibilidade de criar objetos como as obras de arte, que elevam a um grau superior essa capacidade humana de expressar-se e afirmar-se nos objetos do trabalho. “Arte e trabalho¹ se assemelham, pois, mediante sua comum ligação com a essência humana; isto é, por ser a atividade criadora mediante a qual o homem produz objetos que o expressam, que *falam dele e por ele*” (VÁZQUEZ, 1978, p. 69, grifo do autor). O trabalho é, desse modo, a necessária condição histórica e social para o surgimento da arte.

Porém, Vázquez (1978) salienta, ainda, que, apesar do fato de arte e trabalho surgirem em um berço comum, que é a natureza criadora de ambos, não significa que não haja uma linha divisória entre eles. O ponto em questão seria a função que ambas cumprem no propósito de sua objetivação das forças essenciais humanas. Enquanto no trabalho há a predominância de uma função prático-utilitária, na arte predomina a função espiritual. Essas duas funções correspondem aos dois tipos de necessidades humanas satisfeitas pelo produto, o que não as separa em dois campos distintos: elas coabitam o mesmo objeto, porém com o predomínio de uma sobre a outra, dependendo da finalidade.

Um produto do trabalho deve ser útil, pois, ao ser humano, interessa o seu valor de uso. Embora ele cumpra com a função de objetivar ou expressar o homem materializando finalidades e projetos humanos, a sua importância primeira é a utilidade material. Neste produto, a predominância da utilidade material não permite que o sentido espiritual se sobreponha, pois assim o produto perderia seu sentido.

A partir do momento que foi permitido ao homem libertar-se da necessidade de suprir seus interesses vitais com seu trabalho, é que se mostrou possível que emergisse a forma de objetivação artística, na qual o homem pode exteriorizar suas forças essenciais para além da necessidade imposta pelo trabalho.

¹ Trabalho, aqui, na forma de trabalho não alienado (em Marx), quando conserva seu caráter criador, ou seja, quando produz objetos nos quais o ser humano se objetiva e expressa.

O limite estabelecido pelo prático-utilitário que o trabalho impõe deve ser superado, passando-se do útil ao estético, do trabalho à arte. Assim, a arte, como o trabalho, é criação de uma realidade na qual se plasmas finalidades humanas, sobressaindo-se sua utilidade espiritual, expressando o homem em sua plenitude, sem as limitações do produto do trabalho. (DIEKMANN, 2018, p. 45)

A superação do elemento prático-utilitário foi o fator libertador da arte para além da esfera funcional, no entanto, ela mantém uma relação de continuidade com o processo material, pois impõe uma relação entre a ideia e a matéria, que é diferente da relação que se faz presente no trabalho.

Contudo, essa distinção não se refere à oposição entre utilidade e inutilidade, uma vez que elas não se diferenciam porque o trabalho é útil e a arte é inútil. A questão é que, na arte, a utilidade se encontra em outro sentido que não é diretamente o sentido material.

Trabalho e arte, portanto, é criação de uma realidade em que plasmas finalidades humanas, o trabalho com predomínio de uma carência prático material e a arte com predomínio da atividade cognitiva. A utilidade da obra artística depende de sua capacidade de satisfazer não uma necessidade material determinada, mas a necessidade geral que o homem sente de humanizar tudo o que toca e de se reconhecer no mundo objetivado por ele. (DEBIAZI; CONCEIÇÃO, 2013, p. 8)

A arte é, portanto, uma forma de expressão do homem, é a materialização de sua essência humana em um objeto concreto-sensível, e essa expressão representa não apenas a necessidade física, imediata, instintiva, mas também representa as necessidades humanas como a criação e o gozo artístico. “O homem se eleva, se afirma, transformando a realidade, humanizando-a, e a arte com seus produtos satisfaz essa necessidade de humanização” (VÁZQUEZ, 1978, p. 48).

Surgida a partir da superação do elemento prático-utilitário, a arte desenvolveu-se como uma forma mais tardia de objetivação. O processo que permitiu à arte emergir da esfera do cotidiano para o patamar de objetivação mais elevada da essência humana se deu lentamente a partir de desdobramentos de aspectos da atividade humana.

Ela mantém, em comum com o trabalho, o princípio teleológico, ou seja, ambos surgem de ações carregadas de intencionalidade, com um projeto em vista. A arte reúne esse projeto subjetivo do homem ao mundo material por meio de sua práxis, já que ela não é só um modo de conhecer o mundo exterior, mas é também um fazer. É essa “[...] práxis que permite ao homem afirmar-se ontologicamente. Além do aspecto cognitivo, a arte é um meio de projeção dos anseios subjetivos que transcendem a realidade imediata” (FREDERICO, 2004, p. 15).

Além da arte, outras formas de objetivação surgiram a partir do trabalho como elemento articulador, mas, como nosso intuito é abordar a arte e a ciência, nos limitaremos a elas.

4 TRABALHO, ARTE E CIÊNCIA

O trabalho como a atividade primordial da gênese histórica do conhecimento humano levou ao desenvolvimento de objetivações humanas mais elevadas e complexas, como a ciência e a arte. E, embora elas tenham a sua raiz comum no trabalho, elas seguem caminhos diferentes e geram conhecimentos diferentes. Cada uma delas tem uma história de desenvolvimento que determinou a forma como se deu essa evolução.

Nos fundamentamos na estética lukacsiana², que propõe que a arte e a ciência são atividades que partem da vida cotidiana, ou seja, do trabalho, para fazerem seus próprios percursos e, em seguida, retornar a ela, com seus efeitos repercutindo na vida social dos homens. Nesse sentido,

a vida cotidiana é o ponto de partida e o ponto de chegada: é dela que provém a necessidade de o homem objetivar-se, ir além dos seus limites habituais; e é para a vida cotidiana que retornam os produtos de suas objetivações. Com isso a vida social dos homens é permanentemente enriquecida com as aquisições advindas das conquistas da arte e da ciência. (FREDERICO, 2000, p. 303)

Arte e ciência seriam, pois, reflexos da realidade que surgem sobre a base da vida cotidiana. Salientamos que a realidade da vida cotidiana refletida é a mesma, mas o reflexo resultante não é igual, porém dá-se a partir da mesma base. Arte e ciência não constroem realidades diferentes, mas refletem de maneira distinta a mesma realidade. O nascimento delas se dá a partir do movimento de construção da realidade material realizado pelo ser humano, assim, elas não são inatas, inerentes ao ser social, mas surgem e se desenvolvem gradativamente no movimento dialético das contradições que se apresentam na realidade, e adquirem gradualmente a autonomia em relação ao trabalho e entre si.

A configuração social que permitiu a superação do fazer cotidiano para que emergissem as objetivações mais elaboradas foi a divisão social do trabalho e, conseqüentemente, a posterior divisão da sociedade em classes distintas. Essa organização social permitiu que alguns indivíduos se dedicassem à apreensão do mundo de forma idealista, enquanto outros sustentavam a todos materialmente por meio de seu trabalho. De acordo com Deribaldo Santos (2017), “[...] os homens não tinham como compreender seu entorno, em um momento de produção precária da vida material, a não ser pela separação entre mente e mãos, pensar e fazer” (SANTOS, 2017, p. 345). Essa divisão mostrou-se positiva no sentido de que possibilitou ao homem ultrapassar a espontaneidade do pensamento cotidiano e elaborar objetivações mais complexas.

O reflexo da realidade, próprio da vida cotidiana, está vinculado a uma percepção intuitiva do mundo exterior, que acontece independente de ser consciente ou não. Essa relação intuitiva acaba bloqueando o desenvolvimento do conhecimento das coisas ao restringir as interações humanas a “[...] uma *imediatez* do

² Baseada nos estudos do filósofo húngaro Georg Lukács.

comportamento restrito à aparência manipulável das coisas, e desconhecedor da essência constitutiva dos fenômenos” (FREDERICO, 2000, p. 304, grifo do autor). Nesse sentido, a relação teoria-prática fica limitada à imediatez, de modo a restringir a possibilidade de uma organização mais ampla e elaborada, permanecendo apegada à aparência fenomênica das coisas.

Destarte, a superação da apreensão do mundo apenas a partir do cotidiano, propiciada pela divisão social do trabalho, que acrescentou a possibilidade de um certo nível de ócio, permitiu ao ser social a elaboração de uma reflexão sobre o seu entorno e sobre si próprio, resultando no desenvolvimento do reflexo da realidade produzido pela ciência e pela arte.

O reflexo da realidade produzido pela ciência iniciou-se a partir da produção de instrumentos e, nesse processo, o ser humano teve que apropriar-se do conhecimento objetivo sobre objetos e fenômenos.

Essa forma de conhecimento presta-se a explicar a realidade em si mesma, elaborando leis explicativas dos processos e fenômenos, especialmente obtidas e testadas por uma investigação racional ou pelo estudo da natureza por meio do método científico. (DUARTE, 2016, p. 74)

A ciência, assim, produz seu conhecimento centrado na objetividade, tendo como característica a desantropomorfização³ do reflexo da realidade. Dessa maneira, “[...] o reflexo científico da realidade procura se libertar de todas as determinações antropológicas, tanto as derivadas da sensibilidade como as que procedem da natureza intelectual” (SANTOS, 2017, p. 347).

O conhecimento resultante desse processo elabora explicações dos fenômenos baseados na investigação por meio de um método científico e tenta eliminar todo o subjetivismo e o antropomorfismo, buscando o máximo de objetividade.

O reflexo da realidade produzido pela arte, por sua vez, também emergiu do trabalho, como já vimos, e também se volta para a natureza e para a sociedade. Todavia, o seu objeto não é o conhecimento objetivo sobre fenômenos e coisas, mas é sempre a relação dos seres humanos entre si e com esse objeto. Ou seja, o foco não está no objeto em si, mas na relação.

É nesse ponto que a arte se distingue da ciência, pois, enquanto esta busca a desantropomorfização do conhecimento, restringindo ao máximo possível a influência da subjetividade na compreensão dos fenômenos, as artes são antropomórficas, tendo no seu centro “[...]os seres humanos, as relações entre si e com o mundo, suas formas de percepção, seus sentimentos, seus conflitos, dramas etc” (DUARTE, 2016, p. 75).

Dessa forma, tanto a ciência quanto a arte se desenvolveram num processo dinâmico, a partir do cotidiano, e produzem reflexos distintos da realidade. A ciência

³ “A desantropomorfização é um processo no qual se procura explicar a natureza sem se recorrer a fenômenos existentes apenas na cultura e na sociedade” (DUARTE, 2016, p. 75).

busca refletir os objetos como são em si, desantropomorfizadamente, enquanto a arte busca refleti-los de modo antropomórfico, centrada na relação sujeito-objeto.

Mas, embora imbricados, o reflexo estético surge depois do reflexo científico, já que exige uma elaboração ligeiramente distinta de condições para seu despontar. E aqui surge o elemento da técnica, aliada ao ócio, como degrau que possibilitou essa formação.

Para que aquele reflexo pudesse ser constituído, era preciso que um determinado desenvolvimento da técnica propiciasse materialmente mais ócio para a criação da “superfluidade”, o que apenas tornar-se-ia possível com o dialético aumento das forças produtivas advindas do trabalho. (SANTOS, 2017, p. 346, grifo do autor)

Desse modo, arte e ciência desenvolveram-se intensamente, atingiram uma visão depurada da realidade e consagraram-se como uma objetivação humana ao romperem os limites do pensamento cotidiano (possibilitado pelo desenvolvimento da técnica e pela possibilidade do ócio), marcando a passagem do ser puramente natural ao ser social.

Cabe destacar, no entanto, que esses reflexos da realidade nascem em um determinado contexto material que exerce influência sobre o resultado apresentado, e são, portanto, marcados por determinações históricas e sociais, de modo que “cada reflexo (artístico ou científico) está carregado de ponderações materiais e temáticas, impressos pelo espaço temporal da sua consumação” (SANTOS, 2017, p. 347). Arte e ciência são conhecimentos distintos entre si e marcados também pelas determinações histórico-sociais de sua gênese.

5 A RELAÇÃO ENTRE O SER HUMANO E OS CONHECIMENTOS

A partir da apreensão do complexo arranjo que permitiu o surgimento dessas formas de objetivação, mudaremos o enfoque no intuito de pensar, a partir de agora, sobre a relação que o ser humano estabelece com essas distintas formas de conhecimento, e nesse sentido as diferenças também se mostram presentes. Embora o conhecimento científico e a criação artística reflitam a mesma realidade objetiva, o papel de cada um deles é diferente para o gênero humano. A base da relação do ser humano com o conhecimento é superar a aparência cotidiana da realidade e chegar à essência das coisas, o que pode ser atingido tanto pelo caminho da ciência como pelo caminho da arte.

O caminho da ciência é o caminho do pensamento teórico. Na perspectiva do materialismo histórico dialético, para que se possa chegar à essência das coisas, não é possível apreender a realidade em sua totalidade concreta de imediato, mas partindo dela e, mediante um processo de abstração, captar as determinações que a configuram, analisá-las, para daí chegar à síntese das múltiplas relações e determinações que constituem a realidade concreta, permitindo, assim, percebê-la em sua totalidade. Desse modo, pela ciência, o ser humano constrói o conhecimento afastando-se da aparência ao explicar a essência por meio de conceitos abstratos. É

importante ressaltar que a realidade está sempre em constante transformação e, por isso, esse processo permanece em movimento e nunca se conclui, acompanhando o fluxo da própria realidade (DUARTE, 2016).

O reflexo científico da realidade busca ultrapassar a forma fenomênica, apresentada no cotidiano no sentido de uma generalização, em que a forma universal supere as formas singulares e particulares.

Nesse sentido, mesmo que a investigação se dirija a um caso singular, somente trará resultados científicos se for estabelecida a relação com a universalidade e as particularidades intermediárias. Isso porque a singularidade não pode se separar da aparência, e, como o conhecimento se orienta para a essência, há a necessidade de generalização. (MASSON, 2018, p. 43)

Pelo caminho da arte, o que acontece não é o afastamento da aparência, ao contrário, a aparência é mostrada unida à essência e nesse processo a realidade é revelada de modo intensificado. A arte trabalha com representações da realidade. O contato do indivíduo com ela se dá de modo imediato, porém, por intermédio da forma artística, a realidade é apreendida indiretamente e “seu propósito é captar a totalidade intensiva do que é reproduzido, assim, ela surge da realidade objetiva, mas se distingue dela” (MASSON, 2018, p. 44).

No momento em que o indivíduo se encontra com o objeto artístico, ele estabelece com a obra uma relação imediata, que supera a imediatez que ocorre no contato com as vivências cotidianas, pois isso se dá “[...] num processo em que o indivíduo está em contato com a aparência, mas esta o conduz a questões essenciais à vida humana” (DUARTE, 2016, p. 78). Logo, a imediatez artística é uma imediatez de segunda ordem, relação explicitada de forma clara por Frederico (2000):

A arte preocupa-se em figurar, com os seus meios, a realidade que se apresenta sob forma caótica na vida cotidiana. Para isso, ela nos apresenta uma figuração sensível imediata da realidade, através da criação de um *meio homogêneo* próprio da atividade artística. A criação desse meio homogêneo, na arte, significa uma ruptura com a vida cotidiana, marcada pela heterogeneidade, na qual o homem só participa da superfície dos fenômenos. (FREDERICO, 2000, p. 306, grifo do autor)

A arte cria, assim, uma unidade sensível entre aparência e essência ao transfigurar o caráter fragmentado e caótico da realidade por meio do artista que cria um objeto concreto-sensível, no qual concentra todas as determinações da realidade em uma totalidade intensiva. Ao superar a imediatez primária da aparência, e sendo uma representação da essência, a arte potencializa a essência humana ao colocar em relação a essência do criador (que concentra toda a totalidade de determinações da realidade) com a essência humana do espectador (também carregada de determinações).

Esse movimento produz, inclusive, o afloramento da dimensão social dos indivíduos, e não apenas a pessoal.

Em sua autenticidade, a arte [...] carrega em si o compromisso com o desvelamento das verdadeiras manifestações humanas (geralmente ocultas), com a ascensão das experiências e vivências de cada um dos momentos da história social, em seus aspectos formais e materiais, que precisam ser fixados na memória humana. (SANTOS, 2017, p. 356)

Por isso que a arte, como um fenômeno social, é um registro também do fundamento da existência social da humanidade, o registro da busca do homem por sua inteireza. Nessa dimensão, encontra-se uma das diferenças entre o reflexo estético e o científico. No reflexo estético, “a criação artística continua tendo uma validade, mesmo que seus elementos estruturais, formais e técnicos, tenham sido superados no decurso da história” (MASSON, 2018, p. 42). Já a proposição científica pode ser refutada, corrigida devido ao seu teor fluido e mutável, já que busca apreender os aspectos objetivos da realidade que está sempre em transformação.

Além dessa distinção, outra que expomos detalhadamente se dá na relação entre o ser humano e o conhecimento (científico e artístico, no caso). Já vimos que a base dessa relação se dá na busca pela superação da aparência para se chegar à essência. Nessa perspectiva, se a ciência supera a aparência cotidiana das coisas por meio de conceitos, abstrações, a arte o faz ao colocar em evidência certos aspectos da realidade, que elevam ao primeiro plano o ser genérico do homem e “que tornam a obra de arte ao mesmo tempo um reflexo da vida e uma crítica à vida, um reflexo da individualidade e um questionamento da sua autenticidade” (DUARTE, 2016, p. 77).

Desse modo, o fato de a ciência e a arte apresentarem representações diferentes da mesma realidade ocorre porque o papel de cada uma delas para o ser humano também é distinto. Cada qual exerce uma finalidade diferente. Em outras palavras, “o reflexo científico tem como função o desenvolvimento da consciência, enquanto a arte tem como objetivo a autoconsciência, em que o homem se reconhece como criador de sua existência” (MASSON, 2018, p. 47).

6 NOTAS CONCLUSIVAS

Neste artigo, procuramos discorrer sobre duas formas de objetivação humana – arte e ciência – de modo a situá-las histórica e socialmente em alguns aspectos, a partir da totalidade da realidade material.

O ser humano, ao agir sobre a natureza para garantir sua subsistência, criou um mundo cultural, um mundo de *objetos humanos*, e o fez por meio do seu trabalho. No ato de criar, ele colocou sua ideia, sua intencionalidade, e o resultado dessa criação é uma objetivação humana, que expressa suas forças essenciais. Assim, foi por meio do trabalho que o ser humano deu origem à vida social, à humanização do homem.

O trabalho foi a origem de todos os conhecimentos, de todas as objetivações humanas. A arte é uma das objetivações que tem com o trabalho uma característica em comum, embora tenham funcionalidades sociais diferentes. Ela também permite ao ser humano a materialização, em um objeto concreto-sensível, das forças essenciais humanas. Enquanto função social, o trabalho tem uma maior ligação com o elemento prático-utilitário e, na arte, a função se encontra na satisfação da necessidade de humanização, de autoafirmação.

O desenvolvimento da arte como objetivação humana se deu a partir do trabalho, e, além dela, a ciência e outras formas de conhecimento também se desenvolveram num processo gradativo a partir do movimento dialético das contradições que se apresentam na realidade material. A configuração social que permitiu que as objetivações mais elaboradas despontassem foi a divisão social do trabalho, em que alguns indivíduos puderam dedicar-se à apreensão do mundo de forma idealista, enquanto outros sustentavam a todos materialmente por meio do seu trabalho. Aliado a isso, o desenvolvimento da técnica e a possibilidade de ócio criaram condições que permitiram o despontar da ciência e da arte como formas de objetivação humana.

A partir do trabalho e do cotidiano, arte e ciência despontaram como revérberos distintos de uma mesma realidade e, enquanto a ciência busca refletir os objetos como são em si, desantropomorfizadamente, a arte, ao contrário, busca refleti-los de modo antropomórfico. A ciência concentra-se *no objeto* e a arte na *relação* sujeito-objeto e sujeito-sujeito. A sua função social também difere, pois cada uma delas tem um papel diferente para o ser humano: a ciência busca o desenvolvimento da consciência e a arte da autoconsciência.

Há que se salientar, contudo, que, em detrimento dessas diferenças, a ciência não supera a arte, nem a arte supera a ciência, e nenhuma delas supera o trabalho. Cada forma de objetivação tem sua importância histórica e social e, como partes da totalidade que é a realidade material, não comportam nenhuma hierarquia. Compreender essas objetivações em seu nascimento-elevação-assentamento sobre a vida cotidiana nos permite transcender a fragmentação produzida por uma apreensão do mundo pautada nas especificidades de cada conhecimento, de modo que, enriquecidos por essa experiência, sejamos capazes de ver o mundo com outros olhos.

REFERÊNCIAS

DEBIAZI, Márcia da Silva Magalhães; CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. A relação entre Arte e Trabalho na Estética Marxista. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, 12., 2013, Maringá. Anais [...]. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 12 a 14, jun., 2013. p. 1-17. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2013/trabalhos/co_02/34.pdf. Acesso em: 24 jun. 2021.

DIEKMANN, Leonardo Envall. A temática da arte sob uma perspectiva marxista. *Revista Missioneira*, Santo Ângelo: v. 20, n. 2, p. 39-50, jul./dez. 2018. Disponível em:

<http://srvapp2s.santoangelo.uri.br/seer/index.php/missioneira/article/view/2607>.
Acesso em: 24 jun. 2021.

DUARTE, Newton. *Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2016.

FREDERICO, Celso. A Arte em Marx: um estudo sobre os manuscritos econômico-filosóficos. *Novos Rumos*, v. 19, n. 42, p. 2-24, 2004. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2144>. Acesso em: 22 jun. 2021.

FREDERICO, Celso. Cotidiano e arte em Lukács. *Estudos Avançados*, v. 14, n. 40, p. 299-308, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Ndyv5j6syh5xXBkLjN3Wmws/?lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2021.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MASSON, Gisele. A categoria da particularidade como mediação para a produção do conhecimento: contribuições de György Lukács. *Cadernos do Gposshe On-Line*, v. 1, n. 1, p. 29-48, ago./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/487>. Acesso em: 14 fev. 2021.

SANTOS, Deribaldo. Trabalho, cotidiano e arte: uma síntese embasada na estética de Georg Lukács. *Estudos Avançados*, p. 341-359. 01 abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/wLTkHDHmZXt8vfDjdR9MPVx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações*. 3. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

SILVA, Maria Leticia Miranda Barbosa da. O materialismo histórico e sua influência na teoria histórico-cultural. *Tramas para Reencantar o Mundo*, Rio de Janeiro, p. 1-10, maio 2015. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/tramas/article/view/193/154>. Acesso em: 31 mar. 2021.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *As Ideias Estéticas de Marx*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.